

A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: O PROGRAMA TUTORIA ESPECIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, BRASIL, EM FOCO

Inclusión de estudiantes con discapacidad en la educación superior: el programa tutoria especial de la Universidad Estatal de Paraíba, Brasil, en foco

The inclusion of students with disabilities in higher education: the special tutoring program of the State University of Paraíba, Brazil, in focus

Eduardo Gomes Onofre, Universidade Estadual da Paraíba, Brasil.
eduonofre@gmail.com

Tatiane Virgínia Gomes de Almeida, Universidade Estadual da Paraíba, Brasil.
tatianevirginia@hotmail.com

Paulo Vidal Guanabara de Azevedo, Universidade Estadual da Paraíba, Brasil.
paulo.vidal45@gmail.com

Vanessa Porto Alexandrino, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
vanessaporto.alexandrino@gmail.com

Gomes Onofre, E., Gomes de Almeida, T. V., Vidal Guanabara de Azevedo, P. y Porto Alexandrino, V. (2021). A inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: o programa tutoria especial da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil, em foco. *RAES*, 13(22), pp. 63-74.

Resumo

No Brasil vem crescendo, nas últimas décadas, o número de matrículas de estudantes com deficiência no ensino superior. As instituições de ensino superior brasileiras têm sido convocadas a responder, de modo cada vez mais eficaz, às especificidades destes estudantes. Assim, o objetivo principal do presente estudo é investigar práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Brasil que favorecem o processo de inclusão de estudantes com deficiência. Realizamos uma pesquisa qualitativa. Utilizamos como instrumento metodológico uma entrevista semiestruturada. Participaram deste estudo dezesseis estudantes da mencionada universidade, sendo sete com deficiência, um com Transtorno do Espectro Autista e oito sem deficiência. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2019. Os resultados indicaram que o programa denominado Tutoria Especial e o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão oferecidos pela UEPB desenvolvem ações que favorecem a inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. Referente aos desafios para tal processo, a ausência de uma formação de professores que discuta as necessidades educacionais especiais dos estudantes com deficiência e o preconceito são barreiras ainda presentes nas Instituições de Ensino Superior no Brasil que dificultam o processo de inclusão dos referidos sujeitos. Concluímos que o trabalho de mediação no processo de ensino-aprendizagem de um colega oferecido aos estudantes com deficiência e um espaço de acolhimento onde oferece recursos pedagógicos e realiza

adaptações de materiais didáticos são algumas das conquistas da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil, frente ao processo de inclusão dos mencionados estudantes.

Palavras-chave: incluso/ educação superior/ estudantes com deficiência

Resumen

En Brasil, el número de matrículas de estudiantes con discapacidad en la educación superior ha aumentado en las últimas décadas. Se ha pedido a las instituciones de educación superior brasileñas que respondan, cada vez con mayor eficacia, a las especificidades de estos estudiantes. Así, el objetivo principal de este estudio es investigar prácticas pedagógicas inclusivas desarrolladas en la Universidad Estatal de Paraíba - UEPB - Brasil que favorecen el proceso de inclusión de estudiantes con discapacidad. Realizamos una investigación cualitativa. Utilizamos una entrevista semiestructurada como instrumento metodológico. En este estudio participaron 16 estudiantes de la mencionada universidad, siete con discapacidad, uno con Trastorno del Espectro Autista y ocho sin discapacidad. Las entrevistas se realizaron en el segundo semestre de 2019. Los resultados indicaron que el programa denominado Tutoría Especial y el Núcleo de Accesibilidad e Inclusión que ofrece UEPB desarrollan acciones que favorecen la inclusión de estudiantes con discapacidad en la educación superior. En cuanto a los desafíos para tal proceso, la ausencia de formación docente que discuta las necesidades educativas especiales de los estudiantes con discapacidad y los prejuicios son barreras aún presentes en las Instituciones de Educación Superior en Brasil que dificultan el proceso de inclusión de los sujetos referidos. Concluimos que el trabajo de mediación en el proceso de enseñanza-aprendizaje de un colega ofrecido a estudiantes con discapacidad y un espacio de acogida donde se ofrecen recursos pedagógicos y adecuan materiales educativos son algunos de los logros de la Universidad Estadual de Paraíba, Brasil, frente al proceso de inclusión de los estudiantes mencionados.

Palabras Clave: inclusión/ educación superior/ estudiantes con discapacidad.

Abstract

In Brazil, the number of enrollments of students with disabilities in higher education has been increasing in recent decades. Brazilian higher education institutions have been called upon to respond, more and more effectively, to the specificities of these students. Thus, the main objective of this study is to investigate inclusive pedagogical practices developed at the State University of Paraíba - UEPB - Brazil that favor the inclusion process of students with disabilities. We conducted a qualitative research. We used a semi-structured interview as a methodological tool. Sixteen students from the mentioned university participated in this study, seven with disabilities, one with Autism Spectrum Disorder and eight without disabilities. The interviews were conducted in the second half of 2019. The results indicated that the program called Special Mentoring and the Accessibility and Inclusion Center offered by UEPB develop actions that favor the inclusion of students with disabilities in higher education. Regarding the challenges for such a process, the absence of teacher training that discusses the special educational needs of students with disabilities and prejudice are barriers still present in Higher Education Institutions in Brazil that hinder the process of including these subjects. We conclude that the work of mediation in the teaching-learning process of a colleague offered to students with disabilities and a welcoming space where they offer pedagogical resources and adapt educational materials are some of the achievements of the State University of Paraíba, Brazil, in the face of the process inclusion of the mentioned students.

Key words: inclusión/ college education/ students with disabilities.

Introdução

Os sistemas educacionais brasileiros passaram por mudanças nas últimas décadas que desencadearam algumas conquistas, no que concerne o acesso de estudantes com algum tipo de deficiência em todos os níveis de ensino. Essas conquistas, que se fundamentaram em dispositivos legislativos, proporcionaram a elaboração de metodologias que favoreceram o desenvolvimento cognitivo dos mencionados estudantes, os quais começam a chegar nas Instituições de Ensino Superior – IES. Esta afirmação se fundamenta nos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP –, os quais afirmam que “entre 2006 e 2016, a matrícula na educação superior aumentou 62,8%, com uma média anual de 5% de crescimento” (Brasil, 2016a, p. 5), onde as matrículas na educação superior de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades no Brasil entre 2009 e 2016 aumentou de 20.530 para 35.891 estudantes, sendo a maioria estudantes com deficiência física (Brasil, 2016b).

O mais recente dispositivo legal de garantia dos direitos das pessoas com deficiência, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei 13.146 do ano de 2015, define em linhas gerais em seu artigo vigésimo sétimo que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (Brasil, 2015, p. 19).

De acordo com Sampaio (2014) os sistemas de ensino superior brasileiros estão se tornando maiores e mais complexos, independentemente de suas origens, trajetórias e configurações. Sua expansão, deflagrada no final do século XX e ainda em curso em diversos países, é um fenômeno de grande magnitude e celeridade. Consoante ao crescimento de estudantes com deficiência no ensino superior no Brasil, no período de 2006 a 2016, Alexandrino et al. (2016) afirma que “este crescimento evidente e notável representa conquistas na inclusão educacional, entretanto, observam-se dificuldades nesta etapa do processo educacional, devido ao despreparo das instituições de ensino” (p.2).

O processo de inclusão exige que as universidades estejam aptas a receber os estudantes com deficiência, considerando em suas dimensões arquitetônicas, pedagógicas e em sua disponibilidade de recursos que auxiliem tal processo de modo a garantir a permanência desses estudantes ao longo de toda sua graduação. Furlan e Ribeiro (2015) reconhecem que, devido a recente condição de ingresso no ensino superior de estudantes com deficiência, várias universidades vêm compartilhar as dificuldades que encontram com tal processo.

Além do aumento de estudantes com deficiência no ensino superior brasileiro, as pesquisas mostram que, o contingente desses estudantes também é muito mais heterogêneo em termos de idade, sexo, nível socioeconômico, cor, etnia, motivações, expectativas e projetos profissionais. Em 2014, por conta de um conjunto de fatores, como criação de novas instituições e cursos e, ainda estímulo ao acesso por meio de iniciativas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI); o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), o número de matriculados no ensino superior como um todo teve um grande incremento e o ingresso de pessoas com deficiência nestas instituições também cresceu. O INEP (Brasil, 2016b) aponta que em 2016, 8.048.701 estudantes se matricularam em cursos superiores no país, e com um índice médio de crescimento anual de 4,9%, nos últimos dez anos, o registro na educação superior cresceu 62,8% nesse período. Consoante ao ano de 2015, o crescimento foi de apenas 0,2%.

Essa diversidade no perfil do estudante que ingressa no ensino superior é bastante significativa e se deve, além dos programas citados anteriormente, às políticas equitativas de acesso que trouxeram consigo um novo desafio às universidades: garantir não só o acesso, mas, sobretudo a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes (Rozek & Martins, 2016). Quase cinco anos depois da lei que instituiu as cotas nas universidades e institutos federais do país para estudantes de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos e indígenas, as pessoas com deficiência passam a ser contemplados na reserva de vagas através do Decreto 9.034/2017, publicado em abril, no Diário Oficial da União (DOU), que regulamenta a Lei 12.711/2012.

Dessa forma, embora o Ensino Superior tenha sido inserido mais tardiamente na pauta das discussões sobre as políticas de Educação Inclusiva no país, entende-se que é inevitável não só reconhecer essa necessidade, como também avançar no sentido de pensar a inclusão nesse contexto (Santos & Hostins, 2015). Além disso, pode ser uma oportunidade de acelerar as adaptações das universidades, tanto no que se refere à estrutura física quanto à humana (formação de professores e funcionários para atender bem este público, por exemplo) e também um estímulo para que as pessoas com deficiência completem seus estudos no ensino médio. Não basta criar a cota, é preciso ter as condições de atendimento a este público, caso contrário, ele ingressa, mas acaba desistindo e isso seria uma exclusão.

Neste sentido, considerando o aumento do número de estudantes com deficiência no ensino superior nos últimos anos, o presente estudo nasce e se propõe a estabelecer um processo reflexivo sobre tais questões e investigar práticas pedagógicas inclusivas que vêm sendo desenvolvidas, por docentes e funcionários, em instituições de ensino superior, especificamente na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), através de entrevistas semiestruturadas com estudantes que apresentam alguma deficiência que participam do programa “Tutoria Especial”, instituído pela resolução/UEPB/CONSEPE/013 do ano de 2006. Esse programa se tornou objeto desta pesquisa por se apresentar como uma ação de intervenção, se propondo a oferecer assistência pedagógica a estudantes com deficiência regularmente matriculados em cursos de graduação e pós-graduação. O programa “Tutoria Especial” favorece uma experiência de inclusão aos tutores responsáveis por tais estudantes que, em suas atribuições, devem auxiliar o estudante com deficiência em tarefas pedagógicas e científicas, além de trabalhos práticos e experimentais, como também orientar em seus estudos teóricos e práticos (UEPB, 2006).

Método

Para este estudo, utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa, em virtude de que esse tipo de investigação está interessado na perspectiva da construção social dos participantes acerca de suas práticas cotidianas relativas à questão da pesquisa e por considerar o diálogo do pesquisador/a com os/as participantes do estudo como parte explícita da produção de conhecimento (Flick, 2009). De acordo com Godoy (1995) a pesquisa qualitativa utiliza-se do ambiente natural como fonte direta de coleta de dados e tem o pesquisador como instrumento fundamental para esta coleta; se tratando de uma pesquisa descritiva, onde o investigador preocupa-se, essencialmente, com o significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida, fazendo uso do enfoque indutivo na análise dos dados.

A presente pesquisa apresenta caráter exploratório, que é mais flexível no que se propõe e proporciona maiores esclarecimentos sobre o objeto do estudo (Gil, 2002), assim possibilitando a obtenção de mais informações sobre o mencionado programa desenvolvido pela Universidade Estadual da Paraíba, Brasil.

A investigação foi conduzida nos espaços do campus I da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, localizado na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, Brasil. A UEPB apresenta em um de seus centros acadêmicos, o Centro de Educação – CEDUC – o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI, que presta atendimento aos estudantes com deficiência de toda a instituição, além de dispor de recursos diversos para dar suporte às necessidades educacionais especiais destes estudantes.

Como participantes, escolhemos os estudantes sem deficiência que participam do programa “Tutoria Especial” da instituição, que se apresenta como uma das ações possíveis para atender e dar suporte aos estudantes com deficiência através de um sistema de parceria com estudantes que não apresentam deficiência, sendo denominado como “tutor”. A relação entre tutor e tutorando, como estabelecida pela resolução/ UEPB/ CONSEPE /013 (UEPB, 2006), se estende a todas as atividades acadêmicas, de caráter teórico e prático. Salientamos que essa relação, segundo a resolução anteriormente citada, corresponde apenas as ações auxiliares oferecidas ao estudante com deficiência que esteja precisando de atendimento individualizado.

Considerando o caráter exploratório dentro da abordagem qualitativa, o instrumento que escolhemos utilizar para investigar as ações inclusivas desenvolvidas pela instituição de ensino superior selecionada foi a entrevista semiestruturada, que na exploração de informações mais apuradas, é uma das formas mais apropriadas para

realizar esse estudo, por se tratar de uma entrevista que se assemelha a uma conversa com o entrevistado. Para Manzini (1991), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor supracitado, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Os dados provenientes da pesquisa foram analisados inspirados no Método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin que é definido como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2009).

Ainda citando Bardin (2009) a análise de conteúdo consiste em técnicas que descrevem o conteúdo emitido no processo de comunicação (falas ou textos), possibilitando a compreensão além dos significados imediatos ou explícitos da comunicação. À vista disso, serão abrangidas as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação (Minayo, 1994). A partir dessas etapas pretendemos obter um significado mais profundo para a pesquisa.

Apresentação e discussão dos resultados

As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas com oito estudantes com deficiência (tutorandos) e seus respectivos tutores, onde para expressão das conversas realizadas, utilizamos das letras do alfabeto para manter o anonimato dos entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas com consentimento de todos os estudantes do programa “Tutoria Especial” que puderam ser localizados, totalizando dezesseis estudantes do citado programa. Os roteiros das entrevistas semiestruturadas foram escritos para as duas categorias de sujeitos da pesquisa e seguiram os critérios de descrição e avaliação das condições de inclusão que a universidade oferece para os estudantes com deficiência.

Para os tutorandos (estudantes com deficiência):

1. Você encontra dificuldades no processo de aprendizagem de algum componente curricular? Justifique.
2. Você encontra obstáculos para se locomover nos prédios da UEPB?
3. Qual a sua avaliação dos programas desenvolvidos pela UEPB para promover a inclusão dos alunos com deficiência?
4. Quais as recomendações você daria para melhorar o processo de inclusão dos alunos com deficiência na UEPB?

E, direcionado aos tutores:

1. Quais as ações que a UEPB vem desenvolvendo para promover a inclusão do aluno com deficiência?
2. Quais os maiores desafios que você enfrenta para executar as ações inclusivas na UEPB?
3. Na sua opinião os alunos com deficiência encontram dificuldade?
4. Quais as recomendações que você daria para melhorar o processo de inclusão dos alunos com deficiência na UEPB?

Das entrevistas com os tutorandos

Dos estudantes com deficiência entrevistados que são atendidos pelo programa de “Tutoria Especial”, cinco apresentam deficiência visual, dois apresentam paralisia cerebral e um deles tem diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA. Esses estudantes estão presentes nos cursos de Ciências Biológicas, Geografia, Pedagogia, Jornalismo e História da instituição de ensino superior investigada. Com relação à primeira

pergunta as dificuldades encontradas por alguns dos entrevistados estão mais relacionadas às disciplinas que envolvem o raciocínio matemático, e também elementos relacionados à computação. Dos estudantes com deficiência visual, um dos tutorandos que cursa Jornalismo na instituição afirmou a dificuldade em trabalhar em disciplinas com elementos visuais.

Podemos notar também, que em relação a este questionamento inicial, alguns dos tutorandos afirmaram o despreparo dos docentes da instituição:

“[...] não é bem dificuldade de aprendizagem, como é que eu posso dizer...é o despreparo de alguns professores em relação à gente, assim, não sabe como nos encaixar nos trabalhos...” (Tutorando C, Deficiência visual, Pedagogia).

“Já na cadeira de Climatologia eu tive um pouco de dificuldade também porque na época que eu tava cursando essa cadeira, eu já estava com um pouco de dificuldade também por causa da forma do professor apresentar o conteúdo na sala” (Tutorando B, Paralisia Cerebral, Geografia).

Ainda foi relatada a dificuldade por parte dos estudantes com deficiência visual, que apresentam baixa visão, com relação ao material disponível para estudo:

“Sim. No meu caso específico, pela limitação na leitura dos conteúdos. Alguns livros ou textos tem as letras pequenas o que acaba dificultando a leitura e com isso, dificultando a aprendizagem. Já existe vários leitores para leitura através do computador. Mas nem sempre estamos com acesso ao computador” (Tutorando G, Deficiência visual, História).

A maioria concorda que o prédio da Central de Integração Acadêmica – CIAC, situado na Central de Aulas da UEPB, onde são ministradas aulas e está o Núcleo de Educação Especial, tem acessibilidade na arquitetura. Os estudantes com deficiência, entrevistados, afirmaram que a CIAC não possui barreiras arquitetônicas que venham a impedi-los de se deslocar até as salas de aula, havendo também a presença de cadeiras motorizadas que diminuem o desgaste físico dos estudantes com paralisia cerebral ao se deslocar pelo referido prédio. Porém, alguns aspectos foram levantados como barreiras na CIAC, pelo Tutorando B:

“[...] eu tive muita dificuldade para andar, por ser um canto muito longe, muito distante, principalmente as salas que são muito longe do banheiro que eu tive muita dificuldade, as vezes, quando eu tive dificuldade de ir ao banheiro, [...]eu já utilizei aquele banheiro que é o banheiro pra deficiente e tive muita dificuldade porque a barra é muito baixa. [...]. Também tem a questão do elevador que colocaram um elevador, mas até hoje ele parou de funcionar, foi condenado pela defesa civil e o administrador do prédio disse que não tem previsão pra que ele volte a funcionar”.

Quanto à existência de programas de auxílio aos estudantes com deficiência, houve afirmações positivas e negativas quanto ao apoio da UEPB e quanto o desempenho do programa, “Tutoria Especial”, considerando o que é proposto pelo mesmo. A companhia dos tutores foi apontada como algo positivo, uma vez que existe o auxílio nas atividades e também há o estabelecimento de uma relação de confiança, que pode promover de forma mais aproveitável à inclusão destes estudantes com deficiência em sala de aula. Porém, houve relatos da ausência e falta de compromisso por parte de alguns tutores e até mesmo da instituição na manutenção do programa de “Tutoria Especial”. Vejamos:

“O programa é interessante, para que ajude, ele também é interessante porque ele dá uma bolsa, mas se o aluno na sala de aula não tem vontade, a faculdade em si ela não faz nada, porque, tipo, eu conheço gente que tem deficiência e não tem um tutor porque a sala simplesmente discrimina ele, e a faculdade sabe disso e não faz nada, diz que vai fazer reunião com a sala e tal, mas não faz nada”. (Tutorando D, Deficiência visual (Baixa visão), Jornalismo).

“Eu ainda acho que podia melhorar muito, acho um programa muito mecânico, como se fosse uma entrevista de emprego realmente, coisa que não é, é só um auxílio”. (Tutorando E, Paralisia cerebral, Jornalismo).

“O ponto negativo que eu acho, é que os editais abertos, eles deveriam ser menos burocráticos, porque quando a gente precisa trocar de tutor, que acontece algum problema, a gente só vai ter um tutor em outro semestre, digamos assim, e quando é uma coisa hoje e quando um tutor não atende as nossas necessidades,

digamos assim, e que precisa trocar, como eu já passei quase um semestre sem tutor e só abriu um edital no outro semestre, aí eu acho que isso deveria melhorar”. (Tutorando F, Deficiência visual, Jornalismo).

No último questionamento da entrevista semiestruturada, houve um consenso com relação a necessidade da formação de professores da mencionada instituição para lidar com os estudantes com deficiência. As falas dos entrevistados deixaram evidente que existem dificuldades claras quanto à inclusão do estudante em sala por parte do professor. Outra afirmação em destaque entre os entrevistados foi a de reunir os estudantes com deficiência, promover encontros e palestras com o objetivo de conscientizar funcionários da UEPB sobre as necessidades dos estudantes com deficiência. Estimular debates que levem a mudanças no Projeto Político Pedagógicos – PPP - dos cursos, na formação de professores e técnicos administrativos, assim como nas políticas da instituição, favorecem plenamente o processo de inclusão.

“Bom, eu sugiro criar uma divisão ou um grupo de estudos reunindo esses alunos, para dar aulas para eles, tirar dúvidas deles e também ajudar eles a entender melhor o conteúdo”. (Tutorando A, Transtorno do Espectro Autista, Ciências biológicas).

“Olha para melhorar o processo de inclusão do aluno portador de deficiência na UEPB, primeiramente seria treinar os professores, por quê o que eu como deficiente me deparo na UEPB muitas vezes é com professores que não foram treinados para dar aula para um aluno deficiente sabe e assim pelo fato de alguns professores não terem aprendido a serem inclusivos, isso muitas vezes pode levar a turma também a não incluir o deficiente” (Tutorando F, Deficiência visual, Geografia).

Das entrevistas com os tutores

Conforme trata a Resolução/UEPB/CONSEPE/013/2006, o Programa de Tutoria Especial, apresenta como um de seus objetivos, proporcionar ao tutor experiências que contribuam para o seu processo de formação através do exercício de práticas pedagógicas que sejam resultado de reflexão teórica. (UEPB, 2006). Nesse sentido para exercer a função de tutor, o estudante deverá demonstrar na seleção, capacidade de auxiliar o estudante com deficiência (física, intelectual, sensorial ou múltipla) em suas atividades acadêmicas, estando matriculado no mesmo período ou em períodos superiores aos referidos estudantes.

Assim, ao assumir a função, o tutor possui como direitos, receber capacitação pela PROEAC, uma bolsa de incentivo, e ser orientado e supervisionado por um professor indicado pela PROEAC. Como deveres, o tutor precisa cumprir uma carga horária de doze horas semanais durante um ano letivo e elaborar um relatório sobre as atividades ao término de seu exercício, garantindo também sua certificação. As atribuições do tutor consistem em prestar atendimento especializado individualizado aos estudantes com deficiência que estudam na UEPB, através de: auxílio em tarefas pedagógicas, científicas e em trabalhos práticos experimentais, apoio e orientação em estudos e trabalhos teóricos e práticos (UEPB, 2006).

Dos oito estudantes entrevistados que exercem a função de tutor no Programa, temos: três do curso de Jornalismo, dois de Geografia, um de Pedagogia, um de História e um vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

No que se refere às ações inclusivas desenvolvidas na UEPB, todos citaram algum tipo de ação considerada inclusiva que a instituição já desenvolveu e desenvolve, além do Programa de Tutoria Especial:

“Eu, além de o núcleo, [...] e também do núcleo psicossocial, não conheço mais nenhuma outra ação que a UEPB tenha feito para promover a inclusão de alunos com deficiência”. (Tutor I, Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática).

“Ações de acessibilidade, algumas delas são a disponibilidade de cadeiras de rodas para os deficientes físicos, rampas e banheiros adaptados”. (Tutor K, Pedagogia).

“A UEPB sempre buscou ajudar e ouvir o que as pessoas estavam precisando, com reuniões e profissionais vindo saber no que a gente estava precisando e no que poderia ser melhorado. Há também os congressos nos quais os professores vêm nos avisar sobre os mesmos”. (Tutor M, Jornalismo).

“A única que a gente teve o conhecimento mesmo e praticamente o acesso, foi sobre os surdos... foi elaborada uma palestra sobre surdos, por conta de uma professora da disciplina de acessibilidade que a gente teve conhecimento no final do ano passado, se não me engano “[...] Dentro das ações ainda, existe seminários, fóruns, mas, muitas vezes nós não podemos participar por conta do valor desses fóruns e da localização”. (Tutor N, Jornalismo).

“Disciplina e curso de extensão de libras; Incentivo em projetos como por exemplo, a cartilha em braile desenvolvida por aluno”. (Tutor O, História).

O Tutor J, do curso de Geografia afirma que apesar de reconhecer o crescimento do Programa de Tutoria e das ações inclusivas, retrata uma escassez de ações inclusivas dentro do programa, vejamos, a seguir:

“Bom, as ações dentro do programa de tutoria especial são bem escassas...porque infelizmente algumas pessoas ainda acham que você auxiliar um aluno com necessidades especiais, a Universidade dá um suporte, é simplesmente dá uma bolsa para um aluno e ele cuidar desse tutorando... só que não é bem assim, infelizmente no programa de tutoria especial da UEPB, ainda há pouco incentivo para a tutoria, ainda há pouco incentivo para a inclusão, infelizmente as reuniões são poucas, não há uma preocupação, pode-se dizer assim, com a qualidade do programa... mais ou menos, como o aluno está se sentindo? Como o tutor está executando as ações? Se essas ações elas estão surtindo efeito... infelizmente, as ações ainda são poucas como eu falei, mas elas têm crescido”. (Tutor J, Geografia).

Quanto aos desafios na execução das ações inclusivas na UEPB, dentro do Programa de Tutoria Especial, apenas o Tutor M declarou não enfrentar desafios:

“Não tenho muitos desafios para exercer a função, tenho uma boa interação com o meu Tutorando e a instituição oferece a sua assistência. Tem também a questão da acessibilidade, que podemos usufruir das rampas de acesso, dessa forma a circulação na instituição fica viável”. (Tutor M).

Os demais apontaram como desafios: Despreparo dos professores; metodologias inadequadas; barreiras arquitetônicas; projetos políticos pedagógicos insuficientes; dificuldade de se encontrar (por residirem em cidades diferentes); dificuldades em conciliar o tempo disponível com a quantidade de conteúdos e dúvidas; falta de adaptação dos materiais acadêmicos; insensibilidade e incompreensão acerca dos limites da relação tutor x tutorando por parte da turma e professores; preconceito; exclusão dos estudantes com deficiência de grupos de pesquisa e de trabalhos. Também foram destacadas dificuldades dos professores de escolherem a metodologia apropriada as necessidades educacionais especiais dos estudantes com deficiência. Para Azevedo (2019) em um estudo sobre inclusão de estudantes com deficiência na Universidade Federal da Paraíba, campus Campina Grande, afirma que “são diversos os obstáculos que permeiam o âmbito acadêmico, desde problemas físicos até o despreparo de funcionários ao atenderem estudantes com deficiência” (p.18).

O Tutor J aponta em sua resposta insatisfação no exercício de sua função, afirmando não encontrar apoio do programa:

“Antes quando eu entrei no programa eu fiquei pensando: “meu Deus, o que eu vou fazer? Eu entrei na universidade aos 18 anos, aos 19 anos eu viro tutora de um aluno com necessidades especiais e eu não estava preparada pra aquilo, eu não sabia como lidar com tudo aquilo, era tudo muito novo, não recebi nenhuma preparação.[...] Infelizmente a gente não tem muito apoio do programa... há alguns anos os tutores se reuniram e decidiram pedir palestras sobre a inclusão...inclusive foi pautado a questão do próprio aluno com necessidade especial e o tutorando nesses espaços darem ênfase ao programa... falar das dificuldades e tal, mas, infelizmente não foi pra frente. Em reunião também já foi solicitado pelos tutores cursos para capacitar os tutores para melhor trabalhar com os tutorandos. Infelizmente também não tivemos nenhum retorno. Daí as dificuldades começam a aparecer”. (Tutor J)

Sobre a percepção à cerca da existência de dificuldades encontradas pelos estudantes com deficiência, os tutores descreveram como principais: dificuldades de interação com os professores; falta de materiais didático-pedagógicos que impedem a aprendizagem; dificuldades de alguns professores desenvolverem atividades adaptadas para o estudante com deficiência; dificuldade em manusear o material acadêmico disponibilizado;

burocracia para conseguir ser incluído no Programa de Tutoria; estudantes com deficiência novatos encontram dificuldades em conseguir um tutor; caso necessário, dificuldade na troca de tutor; elevador quebrado na CIAC; dificuldade de locomoção e deslocamento (rampas muito longas) na CIAC; computadores sem programas apropriados; e a presença de preconceitos por parte de colegas da turma.

A resposta do Tutor I e o Tutor N, retratam a preocupação com as questões estruturais e geográficas no prédio da CIAC, local onde assiste aula, vejamos:

“O núcleo de educação especial faz um trabalho bom de união, mas a própria sala do núcleo já tem uma limitação de acessibilidade por se tratar de estar em um terceiro andar de um prédio [...] enfim, creio que, a pessoa com deficiência terminar plenamente um curso na instituição, ela com certeza vai encontrar muitas limitações, principalmente no que a gente tem em relação à deficiência visual, que existem dificuldades um pouco mais elevadas para esse pessoal”. (Tutor I)

“De forma geral os alunos com deficiência. Eles encontram dificuldades sim. [...] dificuldade de locomoção e deslocamento dentro da própria central de aulas especificamente... se tratando lá da CIA, são 3 andares... as duas opções que temos é a escada e as rampas. Essa questão de locomoção facilitada por rampas, fica só na teoria... porque se torna cansativo do aluno que precisa se deslocar do segundo ao terceiro andar como, no caso do nosso curso, constantemente para os laboratórios e também do térreo do Hall, para o terceiro andar para fazer suas cópias e suas necessidades básicas dentro da central e também na universidade existe um elevador, mas se não me engano elevador de carga que não funciona a um bom tempo”. (Tutor N)

Depois de tomarmos conhecimento sobre as ações inclusivas e sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelos próprios tutores e tutorandos dentro da UEPB, finalizamos a entrevista com um questionamento sobre as recomendações para melhoria do processo de inclusão na UEPB. Dentre as principais sugestões que estiveram presentes destaca-se como a mais solicitada a promoção de atividades voltadas para inclusão dentro do âmbito da universidade, através de formações, principalmente para os professores e tutores, bem como os demais estudantes e funcionários vinculados à mencionada IES.

“Quando eu entrei na tutoria foi complicado porque eu entrei sem saber de nada, eu não tive nenhum aporte por parte do programa, apenas a bolsa, e para você chegar e começar a lidar com uma pessoa com uma necessidade especial sem antes ter tido nenhum contato, é muito complicado”. (Tutor J, Geografia)

“Muitos professores já me perguntaram de que forma eles deveriam aplicar as provas com a aluna deficiente visual, porque não sabiam como fazer. Então, isso nos mostra que esses professores não têm o mínimo de conhecimento sobre como trabalhar com alunos deficientes. Recomendaria também que a UEPB oferecesse a nós tutores palestras sobre como auxiliar os alunos deficientes, e curso de Braille”. (Tutor K, Pedagogia)

Em segundo lugar, a recomendação mais sugerida foi a melhoria na acessibilidade e na adaptação de equipamentos:

“É necessário investir muito na questão da acessibilidade na UEPB não só na estrutura”. (Tutor J, Geografia)

“Recomendaria que os computadores das salas de informática fossem adaptados, com programas adequados para incluir a aluna nas aulas, garantindo assim o seu aprendizado e participação”. (Tutor K, Pedagogia)

“Os corredores poderiam ter mais acessibilidade com piso tátil e plaquinhas das salas enumeradas em braille, assim com certeza facilitaria a vida deles. As salas de aula poderiam ter também rampas na porta, para a cadeira ter mais facilidade no acesso”. (Tutor M, Jornalismo).

Por fim, além das recomendações supracitadas, foram colocados ainda: sugestões voltadas para a fundamentação de uma legislação, redigida com uma linguagem mais clara; a promoção de eventos científicos em contextos mais locais; e quanto ao programa de tutoria foi sugerido a entrega do relatório final de modo online, bem como um acompanhamento trimestral.

Considerações Finais

O presente estudo possibilitou identificar importantes contribuições e desafios que ainda existem à cerca das ações inclusivas que vêm sendo executadas na Universidade Estadual da Paraíba, Brasil. Consoante às contribuições, temos o fato de que a inclusão de estudantes com deficiência na referida IES se mostra possível, independente de qual seja a deficiência. Essa possibilidade se deve as ações desenvolvidas no Programa de Tutoria Especial e no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão. A mediação de um colega oferecida ao estudante com deficiência e um espaço de acolhimento onde oferece recursos pedagógicos e realiza adaptações de materiais didáticos são conquistas da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil, frente ao processo de inclusão dos mencionados estudantes.

A IES deve propor formas de potencializar as ações inclusivas com o foco de incluir os estudantes com deficiência, como por exemplo: incentivar a criação de projetos, de pesquisa e extensão; adaptações arquitetônicas e de materiais didáticos que podem ser eficazes para o processo de ensino-aprendizagem; assim como estabelecer parcerias com outras instituições de ensino. As adaptações de materiais pedagógicos são muitos importantes, desde equipamentos modernos, a materiais escolares considerados de baixo custo. Materiais reciclados ou de baixo custo econômico podem representar contribuições importantes para a concretização da inclusão nesse contexto.

Inicialmente, o desafio da inclusão no ensino superior se apresenta aos técnicos administrativos, desde o momento da matrícula. Seria a chegada do estudante com deficiência na IES um momento importante, onde o acolhimento e a entrevista inicial devem ser interpretados como uma oportunidade de troca, seja de informações, documentos e até mesmo dúvidas que possam surgir. Nesse momento, tanto o estudante com deficiência tem de expor suas necessidades educacionais especiais, possíveis dificuldades, assim como suas preferências e habilidades, quanto a IES, representada pelo técnico administrativo, que deve coletar informações que serão imprescindíveis para o planejamento de estratégias inclusivas, a exemplo de identificar o nível e as necessidades educacionais da deficiência apresentada pelo estudante.

A IES deve propor formas de potencializar as ações inclusivas com o foco de incluir os estudantes com deficiência, como por exemplo: incentivar a criação de projetos, de pesquisa e extensão; adaptações arquitetônicas e de materiais didáticos que podem ser eficazes para o processo de ensino-aprendizagem; assim como estabelecer parcerias com outras instituições de ensino. As adaptações de materiais pedagógicos são muitos importantes, desde equipamentos modernos, a materiais escolares considerados de baixo custo. Materiais reciclados ou de baixo custo econômico podem representar contribuições importantes para a concretização da inclusão nesse contexto.

Outra contribuição é a concepção de inclusão do próprio estudante com deficiência e de seus colegas que não apresentam deficiência que compartilham o cotidiano do cenário acadêmico. As concepções sobre inclusão escolar são mostradas de diversas óticas. Todavia, a visão da inclusão na perspectiva do próprio estudante com deficiência, mostra-se bastante pertinente, pois a partir desta, podemos perceber, além das dificuldades enfrentadas, as conquistas decorrentes de ações inclusivas que se têm oferecido, proporcionando reflexões à cerca do que ainda pode ser feito, repensado ou melhorado neste sentido.

Por outro lado, a convivência com a diversidade ofertada pelo Programa de Tutoria Especial da UEPB, favorece a construção de novas relações e experiências tão indispensáveis e fundamentais na formação contemporânea humana e no desenvolvimento de todos os estudantes com ou sem deficiência. Estudantes que acompanham seu colega com deficiência acabam vivenciando situações desafiadoras experimentadas pelos referidos colegas. Assim, podem apresentar ações inclusivas que venham a ser implantadas no cotidiano acadêmico dos colegas com deficiência, bem como podem compartilhar com instituições ou associações o sentimento de lutar pelos direitos das pessoas com deficiência.

O estudante com deficiência, matriculados nas universidades, tem toda possibilidade de se desenvolver intelectual e socialmente, independentemente de sua deficiência. Assim, o ensino para tais estudantes nas instituições de ensino superior deve ser visto como um desafio e jamais como um obstáculo.

As Instituições de Ensino Superior, em parceria com outras instituições e organizações, devem assumir o compromisso com uma educação igualitária que depende de um processo de reestruturação dos espaços físicos e atualização contínua de processos que regem ações educacionais. Além disso, precisam inserir o debate da educação inclusiva em todos os cursos, com a criação de espaços que propiciem formas de reflexão e posicionamentos críticos e construtivos atrelados a defesa de uma universidade democrática e inclusiva.

Referências bibliográficas

Alexandrino, E. G.; Souza, D.; Bianchi, A; B.; Macuch, R.; Bertolini, S. M. M. G. (2016). Desafios dos alunos com deficiência visual no Ensino Superior: um relato de experiência. *Revista Cinergis*, 18(1), 01-07.

Azevedo, S. L. M. de, Silva, P. P, da; Rodrigues, R. da S.; Silva, É. L. da. (2019). Inclusão e acessibilidade para pessoas cegas na Universidade Federal de Campina Grande. *Revista Educação Inclusiva*, 3(2), 17-27.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. LDA, (70a ed.).

Decreto-lei nº 9.034, de 20 de abril de 2017. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Casa Civil.

Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Artmed.

Furlan, F. Ribeiro, S. M. (2015). O processo de inclusão no ensino superior: encontros e desencontros dos sujeitos que participam deste processo. *Revista P O I É S I S*, 9(16), 384 – 398.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.). Atlas.

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Pesquisado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm, em 26 de junho de 2018.

Manzini, E. J. (1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26/27, 149-158.

Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.

Ministério da Educação – MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. (2016a) Censo da Educação Superior 2016: Notas Estatísticas.

Ministério da Educação – MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. (2016b) Censo da Educação Superior 2016: Divulgação.

Rozek, M.; Martins, G. D. F. (2016) Inclusão no Ensino Superior: um olhar da Psicopedagogia em relação a estudantes com deficiência e/ou dificuldades na aprendizagem. *Reunião Científica Regional da ANPED: educação, movimentos sociais e políticas governamentais*.

Sampaio, H. (2014). Diversidade e diferenciação no ensino superior no Brasil: conceitos para discussão. *Revista brasileira Ciência e Sociedade*, 29(84), 43-55.

Santos, T.; Hostins, R. C. L. (2015). Política Nacional para a Inclusão no Ensino Superior: uma Revisão da Legislação. *UNOPAR Científica*, 16(3), 194-200.

Universidade Estadual da Paraíba. (2016). Universidade Estadual da Paraíba CONSEPE/013. *Cria o Programa de Tutoria Especial no âmbito da UEPB.*

Fecha de presentación: 10/2/2021

Fecha de aprobación: 15/04/2021